

A DESCONSTRUÇÃO DA GUERRA CIVIL AMERICANA: UM OLHAR DO FILME “E O VENTO LEVOU”

Denise Pereira Miranda De Barros (IC) e Lilian Cristina Corrêa (Orientadora)

Apoio: PIVIC Mackenzie

RESUMO

A Guerra de Secessão, também conhecida como Guerra Civil Americana, foi um marco na história dos Estados Unidos. As diferenças de ideologia entre Norte – em processo de industrialização – e o Sul – repleto de latifúndios com plantações de algodão e obra de mão escrava – resultou em um conflito que tinha como principal questão da escravidão, que tem o seu fim após a eleição de Abraham Lincoln. Assim sendo, devido ao seu forte poder de persuasão, importância cultural e grande capacidade de atingir a massa, escolheu-se o cinema como objeto de estudo desta pesquisa, mais precisamente, o filme *E o vento levou* (1939), dirigido por Victor Fleming e baseado no livro homônimo de Margaret Mitchel. A partir de um breve estudo a respeito do contexto histórico inglês – devido à Revolução Industrial – e norte-americano, base para o desenvolvimento da pesquisa, selecionar-se-ão cenas da adaptação cinematográfica para verificar como os conflitos, as questões sociais e o pós-guerra foram retratados.

Palavras-chave: Guerra de Secessão; *E o vento levou*; Filme.

ABSTRACT

The American Civil War was an important episode in North American history. The differences between the ideology of the North – it was in a process of industrialization – and the South – with many cotton plantations and slaves to work on the fields – resulted in a discussion about slavery; it was prohibited after Abraham Lincoln became the new president. Therefore, recognizing the importance of cinema to persuade people and to disseminate culture, we selected the movie *Gone With the Wind* (1939), directed by Victor Fleming and based on the book by Margaret Mitchell. From a brief study of the history the British Industrial Revolution and the American Civil War, this paper aims to analyze how some scenes of the adaptation represented the conflicts and social issues of American people in the Nineteenth-Century.

Keywords: American Civil War; *Gone With the Wind*; Movie.

INTRODUÇÃO

Na atualidade, a intensidade com que a linguagem verbal e a não-verbal são exploradas expandiu-se e intensificou-se com os avanços tecnológicos. A partir disso, o objetivo deste trabalho é demonstrar como o cinema – um dos maiores representantes deste universo visual – representou a Guerra de Secessão a partir de uma grande obra cinematográfica: *Gone With The Wind* (*E o vento levou*), de 1939, dirigido por Victor Fleming.

Torna-se necessário também considerar que esta pesquisa pode ser utilizada como um início para se compreender alguns dos rumos econômicos e culturais atualmente, uma vez que os reflexos da Guerra Civil Americana ainda estão presentes nos costumes sociais em países desenvolvidos ou subdesenvolvidos. Outro fator relevante foi a expansão do mercado consumidor e o acúmulo de bens, que conduziu outros países ao consumo dos excedentes fabricados pelas potências capitalistas, globalizando os produtos e, conseqüentemente, a cultura das nações mais poderosas, o que foi intensificado pelas facilidades tecnológicas atuais. No caso dos Estados Unidos da América, o conflito que perdurou por quase cinco anos foi ferramenta fundamental para expandir o país que hoje é um dos mais influentes do globo.

Optou-se, para o desenvolvimento deste trabalho, pela pesquisa bibliográfica, contribuindo para a fundamentação das análises realizadas, diminuindo o caráter subjetivo que poderia ser atribuído ao sentido de cada uma.

Este artigo divide-se em quatro partes: a primeira e a segunda apresentam um breve contexto histórico que situa o momento em que a Revolução Industrial e a Guerra de Secessão ocorreram. A terceira parte intenciona apontar as influências pessoais da autora no texto original e como estes elementos foram representados no livro.

Por fim, a quarta e última parte traz uma análise da obra cinematográfica. Para tanto, selecionou-se cinco tópicos para serem analisados: O início da guerra; O Sul na Guerra Civil; A Reconstrução; e a Situação dos negros e a Ku Klux Klan. O filme foi comparado aos fatos históricos reais, baseados nos estudos de Karnal (2013) e Eisenberg (1939).

Seguem-se, assim, as considerações finais e as referências bibliográficas.

REFERÊNCIAL TEÓRICO

1. O desenvolvimento da Revolução Industrial

No século XVIII, quando se tornou uma potência internacional, a Inglaterra era uma nação com estabilidade política, não precisava pagar tarifas alfandegárias e possuía um sistema de seguro e infra-estrutura bancária bem estabelecidos. Os rios e os portos interligavam os consumos interno e externo, como vemos: “(...) A Grã-Bretanha vinha conquistando cada vez mais espaço no cenário econômico internacional, graças à expansão de seu comércio ultramarino que, por sua vez, impulsionava a indústria.” (IANNONE, 1992, p. 54)

Por dispor de mão de obra abundante e barata possibilitou-se, no país, o desenvolvimento da indústria. Este fator, unido à queda na taxa de mortalidade e ao êxodo rural, acarretou no desenvolvimento dos centros urbanos. Os ingleses contavam também com a hegemonia naval, ampliando seu império colonial.

Na Inglaterra, no início do século XVIII, coexistiam diversas formas de trabalho industrial. As corporações, que realizavam um trabalho artesanal, já em fase de extinção. A indústria rural ou doméstica, que funcionava na zona rural, onde as famílias camponesas fiavam, teciam e tingiam, inicialmente para as necessidades da família, produzindo tecidos de lã com rocas e teares de madeira. Com o crescimento do comércio, passaram a produzir para o mercado, surgindo o fornecedor de matéria prima que recebia o produto acabado para ser comercializado. E também as manufaturas de fiação e tecelagem de algodão, que embora não possuísem máquinas, assemelhavam-se às fábricas, reunindo operários em um só local, produzindo com certa divisão de trabalho. (Em: <<http://www.recantodasletras.com.br/teorialiteraria/1861690>>. Acesso em: 04 abril 2015.)

Com a fiação, a tecelagem de algodão, a máquina de fiar - e, posteriormente, o tear mecânico -, a máquina a vapor e a substituição da madeira pelo metal, a Inglaterra se direcionava à tecnologia. Além disso, com o ferro e o carvão em abundância, possibilitou-se a construção de mais máquinas e a produção de energia. Em meados do século XVIII surge, então, a eletricidade como fonte de energia, substituindo o vapor. Assim, houve o desenvolvimento de ferramentas de máquinas padronizadas e precisas, outro fator importante da Revolução Industrial. Mesmo com a introdução de máquinas, a mão-de-obra humana seria necessária aos capitalistas.

1.1 A classe operária industrial inglesa

A classe proletária surge durante a Revolução Industrial Inglesa. Caracterizada por receber baixos salários e por trabalharem até 16 horas diárias no mínimo, os operários, antes donos dos teares e rocas, passaram a trabalhar para os capitalistas (os donos dos meios de

produção). Ao contrário do artesão que vendia seus produtos, o operário vendia sua mão-de-obra para a fábrica:

O fato é que não se pode negar que o operário passou a vender seu tempo para o industrial e a ser cobrado pelo desempenho que tinha durante a jornada. Sob a óptica da liberdade e do lazer, os prejuízos, sem dúvida, foram sensíveis. (IANNONE, 1992, p. 65)

As condições de trabalho eram miseráveis, mulheres e crianças preenchiam muitas vagas nas fábricas, mas possuíam salários mais baixos que os dos homens. Os riscos de vida e de saúde do trabalhador também eram presentes. Assim,

As condições de trabalho levaram alguns trabalhadores a se rebelarem contra as máquinas e as fábricas. Os proprietários e o governo organizaram uma defesa militar. O aumento das lutas operárias obrigou a criação de subsistência mínima para os desempregados (Lei Speenhamland). Um imposto pago pela comunidade custeava as despesas. (Em: <<http://www.recantodasletras.com.br/teorialiteraria/1861690>>. Acesso em: 04 abril 2015.)

Como consequência do descaso dos patrões, no ano de 1811, ocorre a destruição das máquinas pelos trabalhadores, seguida pela reivindicação do voto para todos os cidadãos ingleses, além da criação de associações que, com o dinheiro dos associados, pagavam o enterro de algum funcionário morto. Por fim, surgiram os sindicatos, proibindo o trabalho infantil, estabelecendo a jornada de trabalho de oito horas e o direito de greve. Ressaltasse que grande parte dos produtos eram vendidos aos Estados Unidos, ex-colônia da Inglaterra, que começara a investir em industrialização.

2. A Guerra Civil Americana

2. 1. Os Estados Unidos e Lincoln

A América também seria alvo dos avanços ocorridos na Europa, como o caso dos norte-americanos. No ano de 1860, os Estados Unidos da América estavam em período eleitoral. O indicado pela bancada democrata era Stephen Douglas (Sul), enquanto os republicanos apostavam no advogado Abraham Lincoln (Norte), que se posicionava a favor do solo livre, do trabalho e de homens livres. Com apoio de abolicionistas, que doavam dinheiro e armas aos que apoiassem a causa, e de parte dos imigrantes que ansiavam por mudanças, Lincoln recebe a maior parte dos votos, vencendo, assim, as eleições, o que acarretou em um início de revolta por parte dos sulistas.

Para melhor compreender, é necessário esclarecer que o Norte e o Sul dos Estados Unidos no século XIX possuíam focos distintos, embora entendessem a participação no negro na sociedade de forma parecida:

(...) O Sul, embora apresentando características fundamentalmente agrícolas, baseava-se no sistema de *plantation* e escravidão, muito bem inserido no sistema capitalista; o escravo era visto como mercadoria. O Sul interagiu economicamente com o Norte e participava do comércio participava do comércio internacional, especialmente com a Inglaterra. Mesmo se constituindo como dois “mundos” bastante diferentes, um, ao Norte – de trabalhadores livres, assalariados, pequenos proprietários de e mais consistente classe média urbana -, e o outro, ao Sul – escravista e senhorial -, a ideia da superioridade do homem branco era comum e inquestionável em ambos. Nos dois mundos, os negros estavam fora das decisões políticas e eram vítimas de preconceito, principalmente no Sul, onde a escravidão era garantida por lei. (KARNAL et al, 2013, p. 129)

Abraham Lincoln, embora lutasse contra a escravidão, não era um abolicionista, nutrindo o mesmo sentimento em relação aos negros que o restante dos Estados Unidos tinha:

Na década de 1850, o Norte superava o Sul em população, mas o Sul, por sua vez, dispunha de maior forma política no governo federal. Nessa época, os sulistas exigiam o direito de estender a escravidão aos novos territórios conquistados pelos Estados Unidos, postura essa que parecia ser essencial ao “imperialismo do algodão”, sendo que, ainda com isso, os políticos do Sul poderiam manter o maior número de representantes no governo federal. (id., p. 130)

O presidente pode ser considerado um antiescravista, mas nunca um abolicionista aberto e declarado. Mesmo assim, os senhores do Sul queriam a expansão da escravidão para o Oeste e, para eles, pouca diferença existia entre a fixação da escravidão apenas no Sul, proposta por Lincoln, e a abolição imediata, proposta por jornais como o *Libertador*. (id., p. 132)

Desta forma, o movimento separatista do Sul ganhou força, mesmo com as tentativas de Lincoln em manter todos os estados na União. A Carolina do Sul é o primeiro território norte-americano a declarar sua independência do Norte, seguida por Alabama, Flórida, Mississippi, Geórgia e Texas, passando a se chamarem Estados Confederados da América, tendo Jefferson Davis como seu presidente.

Em 1861, o primeiro conflito entre os Confederados e a União ocorre em Charleston, na Carolina do Norte, mais precisamente, no Forte Sumter. A partir disso, a guerra foi declarada e mais quatro estados abandonam a União para unirem-se aos companheiros regionais. No início, por dispor de superioridade técnica, o Norte acreditava que seria uma guerra fácil, o que também ocorreu ao Sul, que confiava em seu orgulho e sentimento de “superioridade” em relação aos oponentes do Norte.

Entretanto, as condições de guerra não eram idênticas em ambas as partes. A região Norte possuía uma vantagem de quatro homens para um dos sulistas, uma vez que os escravos não participavam do exército, além de terem 35 mil quilômetros de estradas de ferro e as maiores empresas do país. Já o Sul, apresentava militares renomados, como Jefferson Davis, Joseph E. Johnston, Thomas J. Jackson, James Longstreet, o general Robert Lee – o mais famoso deles – entre outros.

Logo os problemas surgem de forma mais clara e negativa para os sulistas. Com batalhas que levaram muitos homens à morte, investimentos nas guerras e falta de recursos, o Sul decide bloquear suas vendas para a Europa, procurando atrair, por exemplo, a Inglaterra para o seu lado do conflito, o que não ocorreu. Ao mesmo tempo, Lincoln instaura um bloqueio, impedindo que bens de primeira necessidade cheguem aos sulistas, inclusive para as tropas, que ficavam dia após dia sem armas, alimentos e roupas. Consequentemente, o número de desertores cresceu conforme os conflitos chegaram, sendo necessário convocar até os escravos para lutarem.

Continuando a criar medidas que enfraquecessem o Sul na guerra, o presidente decide, então, gradualmente emancipar os escravos, indenizando os fazendeiros pelos negros libertos – esta medida ficou conhecida como “Lei do Confisco”. Ao mesmo tempo, muitos dos negros fugiam de suas antigas residências e donos para se aliar aos *Yankees*, pois sabiam que poderiam alcançar sua liberdade. Até que, em 1862, devido à pressão de políticos radicais, o presidente declara a abolição da escravidão no Distrito de Colúmbia, e, no mesmo ano, a segunda “Lei do Confisco” declarava livre todo escravo fugido ou capturado, o que foi enfraquecendo o sistema escravagista. Ao perceber que o fim da escravidão lhe traria popularidade, Lincoln, em 1º de janeiro de 1863, proclama a Lei de Emancipação.

Como nem todos os territórios estavam sob as leis da União, conforme as tropas do Norte avançavam e ganhavam a guerra, os escravos dessas regiões tornavam-se livres. Mas a abolição só seria seriamente aplicada anos depois:

Essa data se tornou simbólica, pois representou a liberdade para um grande número de escravos. (O século XX celebraria o centenário da lei com intensas manifestações de lutas por direitos iguais de negros e brancos.) A lei federal que proibiu a escravidão em todo o território nacional seria promulgada apenas em 1865, como a Décima Terceira Emenda da Constituição norte-americana. (KARNAL et al., 2013, p. 134)

A guerra já ocorria há três anos, até que em 1864, os últimos ataques da União foram direcionados à Confederação. O Norte, desde 1820, estava em processo de revolução industrial, além disso, os conflitos ocorreram em grande parte na região Sul, o que poupou o solo do Norte de tanta devastação; esses fatores, ao lado da humilhação e gradual

desmotivação dos sulistas, contribuíram para o fim da guerra, levando os confederados à derrota. A Guerra Civil Americana levou mais de 600 mil pessoas à morte e criou um sentimento de nacionalismo frágil:

Para manter o Sul na União, os EUA pagaram um preço muito caro. Entre os combates e os hospitais e prisões, onde epidemias de difteria, febre, tifoide, febre amarela, disenteria e varíola ceifaram vidas, morreram 360.000 pessoas no Norte (12% dos combatentes) e 258.000 do Sul (20% dos combatentes). Morreu o presidente na hora da vitória. (EISENBERG, 1989, p. 79)

Após o fim da guerra, a nação americana ainda seria posta à prova mais uma vez: como reincorporar os estados sulistas à União, uma vez que estes se consideravam independentes? Diante de tantas opiniões divergentes – havia quem defendesse a anexação e reconstrução da Confederação, mas sem devolver os direitos aos sulistas; outros que almejavam garantir somente a liberdade dos confederados, mas sem nenhum benefício a mais; isso tudo geraria uma tensão entre a Casa Branca e o Congresso, iniciando uma nova etapa na política norte-americana. Conclui-se, então, que mesmo tendo ocorrido paulatinamente, a escravidão foi um dos poucos benefícios obtidos com a guerra que marcou os Estados Unidos.

2. 2. A Reconstrução dos Estados Unidos

Após o fim da Guerra de Secessão, os Estados Unidos precisava iniciar o processo de reconstrução do país. Mas havia a questão: como reintegrar o Sul à União? De um lado estava o Congresso, que acreditava ser importante investir em um novo começo nos territórios confederados, não garantindo direito algum aos antigos donos de terras, elegendo para cargos políticos somente homens de confiança do Norte e certificando aos negros os direitos básicos do cidadão norte-americano.

Do outro lado, a presidência enfocava moderadamente na reconstrução, assegurando aos libertos somente sua liberdade, o que poderia resultar em uma nova exploração dos ex-escravos por parte dos proprietários sulistas, como um regime de trabalho compulsório.

Cercado por essa tensão e sem um acordo entre a presidência e o Congresso, o país ainda enfrentaria o assassinato do presidente Abraham Lincoln, substituído por seu vice, Andrew Johnson. O novo governante enfrentaria não só um quadro político frágil, mas também um acentuado problema com o racismo.

Além da destruição física das cidades, da bancarrota financeira do Sul e da questão constitucional de reintegração, havia o problema de como lidar com os anseios imediatos dos ex-escravos, dos sulistas brancos derrotados e dos nortistas vitoriosos. (KARNAL et al, 2013, p.139)

(...) a imensa maioria dos ex-escravos era analfabeta e nunca participara da política ou de instituições econômicas. Para a maior parte dos mais de quatro milhões de negros libertos, a aquisição de terras, o acesso à educação e o direito de voto eram os meios de atingir a cidadania. (id., p. 139)

Mesmo que homens brancos tenham auxiliado na luta contra a escravidão, as diferenças raciais continuavam a ser destacadas, uma vez em que se acreditava na “inferioridade inata da raça negra”. Pôde-se notar essa diferença a partir do momento em que esses mesmos “abolicionistas” do Norte se mudaram para o Sul do país.

Por todo o Sul, a sociedade começou a consolidar uma profunda segregação baseada em “critérios raciais”. À exceção do mundo do trabalho em que brancos e negros conviviam, a sociedade sulista comportava dois mundos separados. Por meio de instrumentos legais e ilegais, as pessoas consideradas negras ficavam segregadas das brancas na maioria dos locais públicos, na maioria dos hotéis, restaurantes e outros estabelecimentos particulares. (id., p. 141)

No comando, Andrew Johnson mostrou-se tão conservador em relação à escravidão quanto a Confederação. O novo presidente e seus seguidores lançaram os “Códigos Negros” (*Black Codes*) que restringiam a liberdade dos negros. Algumas das medidas tomadas foram: os negros não poderiam escolher seus empregadores, possuir armas de fogo, casar-se com brancos e reunir-se em locais públicos; além disso, se infringissem a lei, poderiam ser vendidos em leilões. As atitudes do novo presidente surpreenderam não só muitos dos nortistas, mas também grande parte dos sulistas, que viam uma escravidão disfarçada se formando. Além disso, houve novas leis como “Jim Crow”, que reforçavam a segregação racial e a fundação de sociedades como a da Ku Klux Kan (KKK). Criada em 1867 e apoiada por muitos políticos sulistas, a organização que “colocava-se como uma entidade moralizante, de defesa da honra, dos costumes e da moral cristã” (KARNAL, 2013, p. 146), assassinava negros acusados de estuprar damas brancas. Estimativas apontam que cerca de vinte mil pessoas foram mortas pelos terroristas da KKK.

O Congresso, porém, contra-atacou, com novas medidas, o que foi chamado de “Reconstrução Radical”. Uma delas, estabelecida no ano de 1870, era a Décima Quinta Emenda, que proibia a discriminação por “raça, cor ou anterior condição de servidão” (KARNAL, 2013, p. 144). Por fim, com uma lei mais equilibrada em relação aos direitos de todos os cidadãos, o governo dos Estados Unidos focou sua reconstrução na área econômica. O número de negros participantes desta reforma era baixo, porém estes possuíam um razoável grau de instrução, mas não foi o suficiente para liquidar ou diminuir mais ainda o racismo.

Mesmo assim, os críticos democratas da reconstrução radical conseguiram convencer, em vista do preconceito racial enraizado na cultura norte-americana, que “bom governo” deveria ser sinônimo de “supremacia branca”. (KARNAL et al, 2013, p. 148)

3. Margareth Mitchell

Nascida em Atlanta, Geórgia, em 8 de novembro de 1900, Margaret Munnerlyn Mitchell – mais conhecida como Margareth Mitchell - foi uma escritora e jornalista estadunidense, autora de uma das obras mais famosas do mundo *Gone With The Wind* (*E o Vento Levou*), publicado em 1936. Filha de um advogado, Eugene Muse Mitchell e de Mary Isabelle Stephens, uma sufragista, Margaret teve sua infância e juventude rodeada por histórias sobre a Guerra de Secessão.

Em 1918, já na vida adulta, a autora ingressou na universidade para cursar Jornalismo, mas logo teve seus estudos interrompidos pela morte da mãe, que faleceu devido à epidemia de Gripe Espanhola. Vendo-se obrigada a retornar para casa e dedicar-se aos serviços domésticos, além de ter que cuidar do pai e do irmão, a autora logo percebeu que não possuía temperamento para dedicar-se apenas a essa atividade, sendo assim, iniciou seu trabalho em projetos sociais auxiliando população negra de Atlanta, escandalizando a sociedade conservadora da cidade.

Mitchell casou-se pela primeira vez em 1912, com Berrien "Red" Upshaw, um ex-jogador de futebol americano. A segunda união ocorreria em 1925, desta vez com John R. Marsh, editor do jornal *The Atlanta Journal Sunday Magazine*, local em que a autora viria a trabalhar também. Alguns meses depois de se casar, a autora teve que se afastar do emprego por problemas de saúde, época em que começou a escrever seu único livro publicado em vida, o best-seller *Gone With The Wind* (1936).

A obra, ainda no mesmo ano de lançamento, já havia vendido um milhão de cópias, recebendo comentários positivos da crítica. Em 1937, o texto foi traduzido para mais de trinta idiomas, ganharia o Prêmio Pulitzer e o National Book Award. Em dezembro de 1939, sua adaptação cinematográfica foi lançada. Após o sucesso do livro e do filme, e já dona de uma fortuna, Mitchell decide dedicar-se ao trabalho filantrópico e encerrar sua carreira como escritora. Em 11 de agosto de 1949, Margareth Mitchell viria a falecer em Atlanta, cinco dias após ficar internada no hospital, vítima de um atropelamento próximo à sua residência.

3. 1. O romance histórico *Gone With The Wind*

Primeiramente, é importante saber o que é um romance histórico para compreender a importância e a influência de *Gone With the Wind* (*E o vento levou*) dentro do universo literário. Surgido no século XIX, o romance histórico tinha como característica reconstruir os traços culturais de instituições do passado, tais como a fala, leis e os costumes. Assim, fundia-se um enredo e personagens fictícios com personalidades históricas, como vê-se, por exemplo, em *Guerra e Paz*, de Lev Tolstói; *A Guerra dos Mascates*, de José de Alencar, *Orgulho e Preconceito*, de Jane Austen e *Memorial do Convento*, de José Saramago.

Gone With The Wind (*E o vento levou*) é uma obra que narra a vida de Scarlett O'Hara no Sul dos Estados Unidos durante a Guerra Civil Americana. Scarlett era a filha de um rico fazendeiro dono de uma plantação algodoeira, que de um momento a outro passa por uma drástica mudança financeira devido aos combates entre União (Norte) e os Confederados (Sul), na qual sua região sai derrotada. Após o término da guerra, a jovem precisa lutar por sua sobrevivência e de sua família, contando apenas com sua fazenda, Tara, então em estado de plena destruição.

O Sul apresentado na obra demonstra a relação entre os fazendeiros e os escravos, considerados parte da família – desenvolviam tarefas como a educação das crianças e servos fiéis dos latifundiários -, além de transmitir a ideia de uma ligação entre o solo fértil e seu dono, enfatizada ao longo da obra por Gerald O'Hara, pai de Scarlett.

Havia também uma forte imagem das damas sulistas - mulheres brancas, ricas, que dispunham não de beleza, mas de charme - e dos papéis que deveriam desempenhar – ter como meta o casamento com um homem dentro dos mesmos padrões: branco, detentor de bens e adulto. No livro, esta figura feminina, denominada “*belle do sul*”, é representada por Ellen O'Hara, a mãe da personagem principal:

Scarlett O'Hara não era linda, mas os homens raramente se davam conta disso quando enredados por seu encanto, como acontecia aos gêmeos Tarleton. Em seu rosto, os traços delicados da mãe, uma aristocrata litorânea de ascendência francesa, combinavam-se com excessiva nitidez aos do pai irlandês, mais grosseiros. (MITCHEL, 2012, p. 9)

Ainda averiguando os comportamentos impostos na época, percebem-se dois tipos de mulheres exploradas na obra *Gone With The Wind*: Melanie - ingênua, que vê bondade em todos que ama, submissa às vontades do marido e com uma visão limitada do mundo, e Scarlett - determinada, que utiliza de sua sexualidade para conquistar aquilo que deseja e que

assume uma postura masculina ao aprender a negociar e dirigir os negócios que garantiam o sustento de sua família, uma atitude condenada pela sociedade sulista de então.

Já a escravidão descrita no livro é unilateral, pois transmite somente a visão dos donos de terras sobre a situação dos escravos, apresentando os negros como dóceis e felizes por desempenharem seus papéis. A chegada dos cidadãos da União, a partir da visão da obra, seria a quebra desta relação pacífica entre os brancos ricos e os escravos. A empregada Mammy é uma das figuras representativas desta visão, pois demonstra a aceitação de sua realidade, permanecendo fiel à patroa – de quem foi responsável pela educação até o final, como vemos em: “Mammy achava que possuía o corpo e a alma dos O’Hara, achava que os segredos da família eram os seu segredos” (p. 27) e “Mammy era negra, mas seu código de conduta e seu senso de orgulho eram tão elevados quanto os de seus senhores, ou até mais” (p. 28).

A Ku Klux Kan, citada ao longo da narrativa a partir da Reconstrução dos Estados Unidos, realça a ideia de que a sociedade secreta só teria sido criada com o propósito de proteger as damas brancas “indefesas”, deixando de lado a face violenta e racista do Sul, como no episódio em que Scarlett é vítima de um assalto, mais tarde vingado por seu esposo e Rhett Butler.

(...) Um negro que se vangloriava de estupro tinha sido preso, mas, antes que pudesse ser levado a julgamento, a Ku Klux Kan invadira a cadeia e ele fora enforcado. A Klan agira para impedir que a vítima, até então inominada, tivesse que testemunhar no tribunal. (E o vento levou, p. 691)

Analisando-se brevemente as experiências da autora Margareth Mitchell, notar-se-ão suas influências pessoais na obra, como: o temperamento de Scarlett e sua capacidade de comportar-se fora dos padrões impostos na época em a história é narrada; a importância que a Guerra Civil Americana teve em sua vida – Mitchell na infância ao ouvir as histórias de ex-combatentes e parentes e Scarlett por vivê-la e ter de superá-la; a visão unilateral da escravidão, uma vez que a autora, assim como a personagem, pertencia a uma classe favorecida e a imagem do que deveria ser a dama sulista, representada pelas mães “Maybelle” (Margareth) e “Ellen” (Scarlett).

Por fim, é importante ressaltar que a obra, com toda a sua influência e sucesso mundial, ganhou três sequências: *Scarlett* (1991), por Alexandra Ripley, *Tara* (1995), por Emma Tennant – obra não publicada - e *Rhett Butler’s People* (2007), por Donald McCaig.

4. *E o vento levou* nas telas: uma adaptação cinematográfica épica

O *best seller* *E o vento levou* foi adaptado para o cinema nos Estados Unidos, sua estréia ocorreu no ano de 1939. Dirigido por Victor Fleming e produzido por David O. Selznick, a adaptação tem 217 minutos e foi o filme com a maior bilheteria da história, “(...) se hoje forem feitos cálculos comparativos de inflação, de aumento de população e do preço dos ingressos, ele ainda deve manter o posto” (FILHO, 2001, p. 72). O sucesso de bilheteria rendeu boas críticas na academia norte-americana. O filme recebeu dez estatuetas do Oscar, dentre elas a de melhor atriz para Vivien Leigh (Scarlett O’Hara) e melhor direção para Fleming. Em 1994 houve uma continuação da obra. Intitulada *Scarlett* (ou *E o vento levou 2: Scarlett*), uma minissérie televisiva baseada no livro de Alexandra Ripley, mas não obteve o mesmo sucesso estrondoso do primeiro filme.

4.1. A Guerra de Secessão no filme *E o vento levou*

Por se tratar de uma obra cinematográfica extensa, alguns trechos do filme foram selecionados para análise na pesquisa em questão. São eles: o Sul antes da guerra, o início da Guerra Civil Americana, o Sul durante o período de conflitos, a Reconstrução e a Ku Klux Kan.

Ressalta-se, porém, que uma adaptação cinematográfica pode modificar a forma narrativa original, em outras palavras, caso o filme tenha sido baseado ou inspirado em uma obra escrita, pode haver modificações em relação a sua construção. Porém, como se vê em Balogh (2005: 66) “(...) na maioria das adaptações mantém-se as performances principais, ou seja, o elemento central da sequência narrativa”. No caso específico de *E o vento levou* – que foi uma adaptação do livro -, objeto de estudo deste trabalho, destaca-se que a obra escrita por Margareth Mitchel manteve a visão sulista diante dos conflitos.

Assim sendo, percebe-se que poucas foram as modificações na narrativa original – o livro. De fato, só ocorreram cortes devido à impossibilidade de reproduzir toda a história do romance. Mas as crenças e as tradições do Sul do filme são fielmente retratadas, apresentando uma visão unilateral da Guerra Civil. Tendo sido expostas essas questões, iniciar-se-á a análise.

O início da obra *E o vento levou* apresenta ao espectador à região do “Velho Sul” e suas características marcantes anteriores a guerra: campos verdes onde eram cultivadas as plantações de algodão dos fazendeiros, os lagos que cercavam as residências, o gado e os escravos que trabalhavam nas propriedades; é neste momento também que se introduz a mansão dos O’Hara e que somos apresentados ao estereótipo das mulheres sulistas – brancas, ricas, bem cuidadas e treinadas para o casamento. A importância da terra para os

sulistas é muito grande, como podemos perceber na fala do pai de Scarlett, o senhor O'Hara: "Quer dizer, Scarlett O'Hara, que a terra não significa nada? É a única coisa pela qual se deve trabalhar, lutar, morrer. É a única coisa que dura". (FLEMING, 1939, E o vento levou – CD 1 - 13'05").

Neste período que precede a guerra, ainda se percebe que os costumes sociais da época se mantêm, como, por exemplo, o churrasco na residência dos Wilkes e as questões religiosas – há uma pausa antes do jantar para a família rezar -, embora o tema dos conflitos entre Norte e Sul já sejam discutidos com frequência, a vida das famílias sulistas pouco tinha se modificado.

O início da Guerra. A necessidade da Confederação se separar da União era iminente para os sulistas, pois não havia possibilidade deles aceitarem o término da escravidão, já que os latifundiários necessitavam dos escravos para continuarem a trabalhar nas terras e fazer os serviços domésticos. Isto é explicitado no filme no churrasco que a família Wilkes oferece para a vizinhança, momento em que há uma reunião entre os homens ricos da região que estão discutindo os rumos da guerra.

- Já aturamos muito os ianques. Vamos manter nossos escravos mesmo sem a aprovação deles! É direito da Geórgia separar-se da União.
- Exato.
- O Sul deve se impor. Depois de atacarmos os ianques no Forte Sumter, precisamos lutar.
- Não há outro jeito.
- Lutar! Isto mesmo.
- Que os ianques peçam a paz.
- É simples: os ianques não podem lutar, nós podemos.
- Não haverá uma só batalha. Eles fugirão sempre.
- Um sulista domina 20 ianques.
- Serão vencidos em uma batalha. (FLEMING, 1939, E o vento levou – CD 1 - 28'30)

O Norte possuía tecnologia armamentista suficiente para desestabilizar o Sul, além de mais soldados para lutarem, mesmo assim houve uma insistência por parte dos sulistas em continuar as batalhas, pois, como podemos ver no trecho acima, estes apostavam em seu orgulho e em sua "superioridade" diante dos nortistas. O ataque ao Forte Sumter foi o estopim da guerra que "varreria" o Sul.

O Sul na Guerra Civil. A Guerra Civil trouxe uma série de mazelas à sociedade sulista da época. A escassez de dinheiro, as mortes dos soldados, a falta de comida e de produtos causada pelos bloqueios feitos pelo Norte são alguns exemplos. A viuvez precoce de Scarlett e a festa realizada em Atlanta para arrecadar fundos para as tropas dos confederado

representada na adaptação cinematográfica são exemplos dos efeitos dos conflitos. Na cena do baile vemos damas e cavalheiros doando seus bens materiais para o sustento das tropas que estão lutando – Scarlett e Melaine doam seus anéis e Rhett uma caixa de charuto de ouro; além disso, Rhett Butler furava os bloqueios e trazia suprimentos para o Sul, como observamos na fala de Dr. Meade:

“- Temos conosco o mais corajoso dos que furam os bloqueios cujas escunas passaram pelas armas ianques e trouxeram as lãs e as rendas que usamos hoje. Refiro-me, senhoras e senhores, ao misterioso homem da fronteira. Nosso amigo de Charleston, Cap. Rhett Butler.” (FLEMING, 1939, E o vento levou – CD - 41’22”)

Em uma cena posterior Rhett irá presentear Scarlett com um chapéu vindo de Paris, o que reforça seu papel no furo de bloqueios. Há também a liberação de uma lista extensa com o nome de todos os soldados mortos na batalha de Gettysburg que abala a cidade de Atlanta. Outra cena a ser destacada para representar este trecho da história é o jantar de Natal na casa de tia Pitty, quando se percebe escassez de alimentos figurativizada por uma metonímia: o frango e o vinho. O frango morto para a ceia está visivelmente magro e segundo o escravo que irá prepará-lo é o último da cidade. O vinho é economizado durante o jantar, pois não há mais reservas na adega: “É o último da adega de meu pai (...) Guardei a Ashley para desejar Feliz Natal. Mas não bebam tudo de uma vez. É o último”. (FLEMING, 1939, E o vento levou – CD 1 - 56’32”)

A luta entre Norte e Sul americanos fica mais acirrada com o passar do tempo, além de os escravos serem convocados para a guerra – cena em que Scarlett conversa com Big Sam e outros ex-escravos de Tara (FLEMING, 1939, E o vento levou – CD 1 - 1’07’40”) -, aumentam-se o número de pacientes nos hospitais e a devastação das cidades. No filme há dois momentos em que o espectador pode acompanhar esses problemas: o primeiro é a cena em que há um campo próximo ao hospital repleto de feridos e mortos na guerra (FLEMING, 1939, E o vento levou – CD 1 - 1’17’39”), a câmera acompanha a chegada e a visão de Scarlett, saindo de um plano mais fechado – portanto focado no rosto da personagem que se espanta ao chegar no local – e vai abrindo, demonstrando os milhares de corpos deitados no chão de terra em meio a poeira enquanto Scarlett caminha, fechando a cena em uma bandeira confederada queimada, enfatizando a decadência do Sul ao ponto em que se encontra na guerra.

O segundo momento ocorre enquanto Scarlett está fugindo de Atlanta com Rhett Butler, Melanie e seu filho recém-nascido e a escrava Prissy. No decorrer desta cena (FLEMING, 1939, E o vento levou – CD 1 - 1’27’10”) os soldados do Norte ateam fogo na cidade de

Atlanta, próximo a explosivos, que acabam por devastar uma grande área e também saqueiam a cidade durante a fuga dos moradores.

A Reconstrução. Se durante os conflitos o Sul e o Norte se enfrentaram com as armas das quais dispunham, durante o período de reconstrução dos Estados Unidos não foi diferente. Os ânimos ainda estavam “exaltados” quando a chegada dos nortistas iniciou, o que não agradou aos sulistas. Este fator atrelado ao fim da escravidão e a cobrança de taxas por parte da União, que dificultou uma convivência pacífica entre os povos das duas regiões. Em *E o vento levou*, além de perder todo o luxo, passando a cultivar a terra com as próprias mãos para sustentar a si e a família e de auxiliar os soldados que estão retornando da guerra, Scarlett quase perde Tara para os “ianques” ao se ver impossibilitada de pagar uma nova taxa no valor trezentos dólares por sua terra, como vemos na conversa que a jovem tem com um dos escravos que ficaram em sua fazenda.

- Ouvi dizer que aquele mal caráter, Wilkerson, que era feitor do Sr. Gerald, virou colaborador dos ianques e disse que seu amigo aventureiro vai aumentar os impostos sobre Tara.
- Quanto mais teremos que pagar?
- Ouvi o coletor dizer US\$300,00. (FLEMING, 1939, *E o vento levou* – CD 2 - 16'06")

Diante deste problema, Scarlett resolve recorrer a algumas pessoas, dentre elas Rhett Butler, que por ter furado o bloqueio durante a guerra acumulou muito capital, mesmo assim, Rhett não consegue mover nenhuma quantia de dinheiro, pois o governo do Norte estava fiscalizando suas contas.

- “- Não se preocupe, ainda. Retiraram algumas acusações, mas querem meu dinheiro. Aham que ganhei no Tesouro.
- E ganhou?
- Que pergunta!
- (...)
- Meu dinheiro está em Liverpool. Se eu tentar algo, os ianques voam para cima de mim”. (FLEMING, 1939, *E o vento levou* – CD 2 – 29'01")

Na sequência desta cena, Scarlett e a escrava Mammy caminham pela cidade, que está em processo de reconstrução. O chão é de barro, há pessoas construindo lojas por todos os lados e os cidadãos do Norte já estão em todos os lugares. Alguns meses se passam e Scarlett se casa novamente: seu marido é dono de uma loja e posteriormente também de uma madeireira. A jovem passa a administrar os negócios do esposo, o que era um escândalo, já que as damas do Velho Sul eram criadas para serem esposas, não para serem empresárias. Além disso, Scarlett toma algumas outras decisões que eram condenáveis por todos os sulistas tradicionais, tais como: cobrar dívidas de antigos amigos, aceitar prisioneiros de

guerra do próprio Sul como trabalhadores e negociar com comerciantes do Norte. No diálogo exposto abaixo entre Scarlett, Frank e Ashley evidencia-se a não aceitação da nova posição da moça como administradora, a condenação pela utilização de mão-de-obra prisioneira e a aceitação da escravidão em sua forma antiga, realizada pela exploração dos negros, o que para o Sul era aceitável.

- Mas não é certo e sabe disso. Uma mulher no comando.
- Do que reclama? Não haveria madeireira se eu não assumisse.
- Eu não a teria, e não a teríamos se não cobrasse o dinheiro que meus amigos deviam. Não é, Ashley?
- Isto é uma instituição de caridade? Volte para a loja e vá para casa tomar seu remédio.
- (...)
- Scarlett, não quero interferir, mas eu contrataria ex-escravos em vez de condenados. Seria melhor.
- Iríamos à falência. Condenados são baratos. Se dermos carta branca a...
- Sabe o que significa. Vai deixá-los famintos e chicoteá-los. Estão doentes, subnutridos.
- Se o deixasse sozinho serviria galinha 3 vezes ao dia e lhes daria cobertores macios.
- Não vou enriquecer com miséria e escravidão alheias.
- Você tinha escravos.
- Mas não os tratávamos assim. (FLEMING, 1939, *E o vento levou* – CD 2 – 40'50")

Ainda em outro trecho, Melaine critica Scarlett por negociar com os ianques, demonstrando o grande ressentimento que ainda havia entre as duas partes, principalmente do Sul: “Mas está negociando com os que nos roubaram, nos torturaram e nos fizeram passar fome”. (FLEMING, 1939, *E o vento levou* – CD 2 - 42'44")

A situação dos negros e a Ku Klux Kan. A situação dos negros libertos durante a Reconstrução não era nada favorável. Mesmo livres, os ex-escravos não tinham direitos civis como os brancos. Como já mencionado anteriormente, a visão apresentada em *E o vento levou* é unilateral, pois só apresenta a visão do Sul sobre a guerra. Assim sendo, percebe-se que há uma aceitação dos negros em serem escravos - papéis representados principalmente por Mammy e Pork -, o que não ocorria de fato.

Nesta mesma época surgem sociedades que apresentavam um posicionamento racista em relação aos negros libertos, a mais conhecida foi a Ku Klux Kan (KKK) criada em 1867. No filme, Scarlett, durante a passagem por um acampamento de libertos e ex-soldados, sofre um ataque, sendo salva por seu ex-escravo, Big Sam. Como forma de represália, Ashley, Rhett, Dr. Meade e Frank vão ao local para lutar com os dois homens que atacaram a jovem, o que termina em tragédia. Em nenhum momento, porém, há citação do nome da sociedade no filme, o que difere do livro, que fala um pouco sobre a KKK, tão pouco há menção ao racismo por

parte dos integrantes da organização. A imagem que o telespectador recebe é que os cavaleiros estão combatendo um crime que foi cometido com uma mulher de seu convívio social. Este fato pode ser observado na cena em que Scarlett percebe que algo está ocorrendo e insiste para que Melaine a conte, em seguida é criticada por India Wilkes:

- O que está havendo? Se não me disserem, enlouqueço!
- Achamos melhor não lhe contar. Eles foram limpar o bosque onde foi atacada. Foi o jeito que encontraram para nos proteger.
- E se forem capturados, serão enforcados! E será sua culpa! (FLEMING, 1939, *E o vento levou* – CD 2 – 40'18)

Assim, conclui-se que o filme *E o vento levou* foi fiel em quase sua totalidade ao livro escrito por Margareth Mitchel, exceto por pequenas alterações realizadas para facilitar a produção da adaptação.

Entretanto, ao se comparar com contexto histórico real, nota-se que a adaptação só se torna uma fonte de informações válida para se estudar a Guerra Civil Americana, se o espectador tiver realizado leituras prévias sobre o assunto. O filme demonstra uma visão unilateral dos conflitos e das questões sociais da época, como se percebe, por exemplo, nas relações descritas entre os escravos e os donos das fazendas, o que, conseqüentemente, poderia prejudicar interpretação da realidade enfrentada pelas pessoas durante a guerra.

METODOLOGIA

O método utilizado para o desenvolvimento do trabalho dá-se de forma qualitativa e foi assim selecionado com vistas a suprir a necessidade de analisar as realidades das populações do Sul e do Norte, ressaltando os pontos que foram ressaltados na obra cinematográfica. O primeiro momento foi disponibilizado para o estudo do contexto histórico da Revolução Industrial Inglesa e da sociedade norte-americana do século XIX.

Após essa primeira avaliação, o momento é dedicado à seleção de cenas do filme “*E o vento levou*” que abordassem não só a guerra e a reconstrução dos Estados Unidos, mas também as questões sociais que permearam os dois momentos.

Por fim, iniciou-se a fase comparativa entre a história real e o filme. Os capítulos da pesquisa foram separados por tópicos e seus respectivos títulos foram estabelecidos na seguinte ordem: O desenvolvimento da Revolução Industrial; A Guerra Civil Americana, Margareth Mitchell; *E o vento levou* nas telas: uma adaptação cinematográfica épica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para desenvolver a análise de *E o vento levou* primeiramente pensou-se em algumas cenas específicas que pudessem ser comparadas ao contexto histórico. Após esse primeiro passo, as esses trechos da adaptação foram observados, procurando examinar se havia diferenças entre a história real e a criada na obra literária.

CONCLUSÃO

Este trabalho objetivou demonstrar de qual forma o cinema, mais precisamente o filme *E o vento levou*, representou a Guerra Civil Americana, ou Guerra de Secessão, que ocorreu no século XIX.

A partir disso, observou-se que a adaptação cinematográfica foi construída de forma fiel ao livro homônimo, escrito por Margaret Mitchel, exceto por pequenas alterações necessárias para a produção. Outro fator importante a ser destacado, é que o ponto de vista apresentado na obra é unilateral, demonstrando, majoritariamente, a ideologia do Sul. Contudo, a obra é um fenômeno mundial e apresenta uma importância relevante para o cinema, assim sendo, se o espectador tiver realizado pesquisas prévias sobre o assunto, o filme pode também pode ser utilizado como fonte de estudos.

Ressalta-se, por fim, que *E o vento levou* possui uma vasta demonstração de como a cultura dos Estados Unidos do século XIX era, como vemos, por exemplo, na relação entre os fazendeiros e os escravos; a ligação entre o solo fértil e seu dono; a imagem das damas sulistas; e, obviamente, o que levou ao início dos conflitos, como eles se desenvolveram e a reconstrução da sociedade no pós-guerra.

A adaptação cinematográfica reforçou a imortalização das regiões norte e sul dos EUA a partir de sua apresentação precisa e muito fiel da obra de Mitchell, o que ajuda tanto espectador quanto leitor a conseguirem construir um panorama muito próximo do real na fantasia, em termos de conhecimento histórico e real.

REFERÊNCIAS

BALOGH, Anna Maria. *Conjunções, Disjunções, Transmutações: Da Literatura ao Cinema e à TV*. Editora: Annablume. 2 ed. São Paulo: 2005.

CEVASCO, M. E.; SIQUEIRA V. L. *Rumos da literatura inglesa*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1988.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Segunda continuação de 'E Tudo o Vento Levou' sai hoje nos EUA. Disponível em: http://www.dn.pt/Inicio/interior.aspx?content_id=988228. Acesso em: 3 jul 2015.

EISENBERG, Peter Louis. Guerra civil americana. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

E o vento levou. Direção: Victor Fleming. [S.l.]: Videolar, 1939. 2 DVDs (233 min).

FILHO, Rubens Ewald. Os 100 melhores filmes do séculos XX. Editora: Vimarç. 2 ed. São Paulo: 2001.

IANNONE, Robert Antonio. A Revolução Industrial. São Paulo: Moderna, 1993.

HISTÓRIA, Só. Revolução Industrial. Disponível em: <http://www.sohistoria.com.br/resumos/revolucaoindustrial.php>. Acesso em: 5 de out. 2014.

INFOESCOLA. Escritores de Romances Históricos. Disponível em: <http://www.infoescola.com/literatura/escritores-de-romances-historicos/>. Acesso em: 10 jul 2015.

KARNAL, Leandro. A formação dos Estados Unidos. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2013.
MITCHELL, Margaret. E o vento levou. Rio de Janeiro: Record, 2012.

RECANTO DAS LETRAS. Tipos de Romance. Disponível em: <http://www.recantodasletras.com.br/teorialiteraria/374583>. Acesso em: 10 jul 2015.

WIKIPÉDIA. Gone with the Wind. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Gone_with_the_Wind_\(livro\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Gone_with_the_Wind_(livro)). Acesso em: 3 jul 2015.

WIKIPÉDIA. Margareth Mitchell. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Margaret_Mitchell. Acesso em: 3 jul 2015.

WIKIPÉDIA. Prêmio Pulitzer. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Pr%C3%A9mio_Pulitzer. Acesso em: 3 jul 2015.

WIKIPÉDIA. Rhett Butler's People. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Rhett_Butler's_People. Acesso em: 3 jul 2015.

WIKIPÉDIA. Scarlett (livro). Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Scarlett_\(livro\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Scarlett_(livro)). Acesso em: 3 jul 2015.

Contatos: denisepereira_miranda@hotmail.com e liliancorrea@mackenzie.br